
MÍDIA E A CIDADE DE CAMPINA GRANDE (1960-1980): O CONSUMO TELEVISIVO DOS MORADORES DA “RAINHA DA BORBOREMA”

RÔMULO HENRIQUE ANDRADE SILVA

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o interesse de narrar o cotidiano da cidade de Campina Grande na década de 70, especialmente compreender o consumo televisivo das crianças nessa cidade. Dessa forma procuro mostrar como a televisão participava do cotidiano campinense nessa época. A escolha por esse tema está relacionado à minha dissertação de mestrado que tem como temática desenvolver uma investigação sobre o uso que os infantes fazem da televisão nas décadas de 70-80 em Campina Grande.

Como referencial teórico uso de um dialogo com historiadores ligados a história social e cultural em aproximação com os Estudos Culturais. A escolha por essas linhas teóricas são justificadas pela possibilidade de pensar uma história cultural sem separar do seu contexto social. (PROST, 1998) Além de que para nosso trabalho será necessário o conceito de cultura material (BURKE, 2004); mídia (Silverstone, 2000); práticas cotidianas (CERTEAU, 1994)

Como metodologia de pesquisa incorporo a pesquisa em jornais de épocas como Jornal da Paraíba (1970-1980) e ao Diário da Borborema (1970-1980). Com o intuito de pensar os documentos jornalísticos como possíveis pistas para entender o que era veiculado pela mídia de Campina Grande. Assim, por meio em uma pesquisa em fontes jornalísticas foi possível mapear os programas que eram assistidos pelas crianças populares Campinenses, os horários que esses programas passavam, além de entender o público que era destinado cada produção midiática. A conclusão desse trabalho não encerra a pesquisa, já que ao localizar esses documentos sobre a programação da televisão em Campina Grande abre-se a possibilidade de continuar o trabalho enfatizando sobre o público e sua recepção dos programas infantis.

O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras. (BURKE, 2004, P. 10)

A história cultural ampliou a possibilidade de estudos para os historiadores assim como é demonstrado por Peter Burke na citação acima. Mostrando o leque de objetos de estudo a partir do simbólico e das suas interpretações. Dentro dessa perspectiva, observa-se a possibilidade de fazer uma história da cultura material, seja ela pensada a partir da chamada “cultura do consumidor”, ou seja, parto para possibilidade de pensar a ação dos consumidores como sujeitos que (re)significam os bens. Assim, especialmente interesse-me pela a história da televisão na cidade de Campina Grande.

As pesquisas sobre as mídias na cidade de Campina Grande vem ganhando ênfase na atualidade a partir de estudos como *História da mídia Regional* escrito por Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Flavianny Guimamães de Oliveira, Goretti Maria Sampaio de Freitas.

Nesse estudo os autores demonstraram uma preocupação especialmente para o rádio. Antônio Clarindo demonstra no capítulo intitulado de “ *O mundo que se ouve e o mundo que se vê: O rádio e os auditórios em Campina Grande*”, apontando as primeiras experiências desse invento nessa cidade. Para isso destaca como a radiofonia divulgou acontecimentos na “ Rainha da Borborema”. Sobre isso destaca que:

Praticamente tudo que aconteceu de relevante na cidade, após 1949, contou com a presença de um repórter das rádios Cariri, Borborema e Caturité; desde o Reveillon de um ano até as festividades natalinas do ano seguinte. SOUZA, 2006, P. 19)

Esse trabalho introduz para a história local a possibilidade de pensar a mídia no cotidiano das cidades, em especial para mostrar como o rádio relacionava com o cotidiano cidadão. Ao ponto que na citação anterior observa-se como o historiador destaca como o rádio narrava o cotidiano cidadão.

Esse trabalho aponta para mostrar como os auditórios eram espaços onde não apenas se ouvia os rádios, mas se via, sentia a confecção dos programas ao vivo que estava indo ao ar. Isso aponta para o encanto que a mídia radiofônica estava ganhando proporções naquela época.

A partir de um estudo por meio de diálogo com narrativas orais, aproximados com documentos de época Antônio Clarindo terce uma narrativa que mostra os programas veiculados e a própria identificação que os consumidores tinham com a programação radiofônica.

Por fim, observa-se uma escrita do referido historiador centrando em uma História cultural, no momento que busca perceber como as pessoas passam a fazer uso do rádio, logo, centra em um olhar preocupado com o consumo no espaço urbano da Campina grande da década de 40 do século XX.

Assim como o rádio participa do cotidiano cidadão e tornou-se objeto de estudo destaca-se a mídia televisiva também na atualidade vêm sendo estudada, sobre isso, destaca-se a dissertação de Mestrado em História de Silvia Tavares da Silva intitulada de *Por Uma história da televisão em Campina Grande (1960-1965)*, defendida no ano de 2009.

Esse trabalho acima destaca-se como sendo um dos primeiros a abordar a memória televisiva na cidade de Campina Grande, em especial, esse trabalho interessou-se por investigar a chegada da televisão na referida cidade e como esse aparelho adquiriu uma representação do ícone como novo. SILVA (2009):

Pensamos que chegada da primeira emissora impulsionou a curiosidade dos campinenses pela tecnologia da televisão. Alguns já possuíam aparelho receptor que captava imagem de emissoras de outros estados como da TV Tupi de São Paulo e das TVs jornal do comercio e TV rádio clube do Recife, mas chegada da TV Borborema despertou na população o desejo de consumo por aquele novo meio de comunicação. (p.11).

Dessa forma a autora apresenta como se constituiu a primeira TV na cidade de Campina Grande, para isso, terce um olhar preocupado para os discursos que eram veiculados pela imprensa da época. Ao mesmo tempo, que remete também a pensar a televisão como um ícone novo que seduzia a população que a ela aguardava. Em sua

escrita destaca-se a preocupação por mostrar como a chegada da TV a referida cidade veio aliado ao conjunto de políticos que arquitetaram essa empreitada.

Silvia Tavares da Silva destaca em sua escrita que busca construir uma imagem da cidade de Campina Grande como uma cidade moderna, a partir do uso da televisão como um símbolo da modernidade e do novo. Para isso a historiadora mostra como os jornais de época destacam a chegada da televisão como um ícone da modernidade. (SILVIA, 2009, P. 40).

A HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA E A DITADURA MILITAR: DOIS MOMENTOS QUE CONCIDEM NO CONTEXTO HISTÓRICO

A História da televisão é exposta por Peter Burke (2006), ele aponta que o desenvolvimento desse bem cultural inicia-se na Europa por volta dos anos 30. Aonde esse historiador mostra como o desenvolvimento da mídia televisiva se espalhava em várias partes do globo, mas que nos EUA e no mundo europeu esse desenvolvimento foi mais intenso. Podemos relacionar isso a um desejo do homem que desde o século XIX já tinha interesse de transmitir imagens a longa distância. (BURKE, 2006, p. 234).

Nos chamados círculos informados havia um conceito errôneo sobre as expectativas da televisão. Acreditava-se que somente os grupos de alto rendimento pudessem ser atraídos por ela. Essa crença, porém, mostrou-se totalmente incorreta, mesmo antes do fim do congelamento. Com a oferta de poucos programas, a produção de aparelhos cresceu consideravelmente entre 1947 e 1952, de 178 mil para 15 milhões; em 1952 havia mais de 20 milhões de aparelhos em uso. (BURKE, 2006, P. 234)

O referido autor mostra como a televisão só veio a ser comercializada na década de 40, principalmente no mundo Europeu, mostrando um crescimento a partir dos números de aparelhos que se no ano de 1947 haviam 178 mil televisões, já em 1952 esse número cresceu para 20 milhões de televisores sendo utilizados. O crescimento nas vendas de aparelhos deve ser ressaltado pelo desenvolvimento tecnológico e pelo desejo de ter acesso a essa nova mídia.

A sedução pela TV estimulou também o Brasil a ter acesso a ela, porém só por volta dos anos 50, por meio da invenção da primeira emissora Brasileira a TV Tupi, do então proprietário Chateaubriand que estava aliado a uma política desenvolvimentista

junto ao governo de Juscelino Kubitschek. Fernando Morais (1996) afirma que: “Chateaubriand entrou nos anos 50 dividido entre a campanha presidencial, a consolidação do Museu de Arte de São Paulo e a realização do velho sonho de implantar no Brasil a quarta estação de televisão do mundo (e a primeira da América Latina)”. (MORAIS, 1996, P. 266). Chateaubriand foi o responsável por instalar a TV no Brasil, um projeto arrojado para uma mídia até então não era tão desenvolvida no mundo, isso devido os altos custos e a necessidade de novas tecnologias. Mesmo assim, isso demonstra a sedução e o desejo dos ícones do moderno influenciava cientistas, homens de negócio, políticos e populares a terem acesso a esses bens.

A primeira rede televisiva implantada no Brasil foi a Tv Tupi, sua sede era cidade de São Paulo e se deu na década de 50 por meio de Assis Chateaubriand, então proprietário dos Diários Associados. Cerca de Cinco anos após sua implementação ela já possuía estações em capitais como: Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Fortaleza, Belo Horizonte, Bélem, São Luís, Goiânia e na Cidade de Campina Grande. (SANTOS, 2003, P. 17).

A história da Televisão Brasileira tem cerca de 50 anos, está dentro de um contexto no qual o Brasil estava em um momento de grande estímulo ao desenvolvimento, fruto da política do então presidente Juscelino Kubitschek. Um presidente que adota uma pensamento político e econômico que visava desenvolver o Brasil de maneira ampla, a partir de seu projeto 50 anos em 5. A política desse presidente resultou na construção da capital Federal Brasília (1950), talvez um dos símbolos mais amplos de seu desenvolvimento. É nesse mesmo contexto que observa-se como a televisão foi pensada para o Brasil. Assim como pode-se perceber na citação anterior, quando a autora Raquel Santos apresenta como na década de 50 surgem as primeiras emissoras de TV, fruto das idéias do então proprietário dos Associados Assis Chateaubriand. Esse sujeito era detentor de um monopólio de bens que abrange áreas desde a comunicação, a indústria farmacêutica entre outras. (MORAIS, 1996, P. 03) Ele foi responsável pelo desenvolvimento da televisão em várias cidades do Brasil a partir da sua emissora TV Tupi.

Esse contexto da televisão brasileira é fundamental para entender que seu desenvolvimento só se deu em anos posteriores, isso porque no momento de

aparecimento da televisão, ela era um bem muito caro, o que dificultava o seu desenvolvimento e o acesso por parte da população de uma forma mais geral, já que apenas os mais ricos tinham acesso a esse bem.

A história da televisão brasileira coincide com a Ditadura Militar brasileira, pois nessa década de 60, no governo de João Goulart (1961-1963) o Brasil vinha enfrentando uma grave crise econômica, política que resultaram em pressões de uma extrema direita para o chamado “Golpe Militar de 1964”. Costa Silva (1964-1969), sendo o primeiro militar a chegar no poder, implanta a política do milagre econômico. Baseando-se em um sistema de governo que abre espaço para a participação do capital externo, usando de uma política de capital fácil, visando estimular o consumo de bens duráveis como carros e televisões. Nesse momento a tv era símbolo de um bem que unia as pessoas em sua volta para vê-la, dessa forma ocupa um espaço de sociabilidade. Esse poder de sedução que a televisão apresenta(va) esta(va) interligado também com as propostas dos governos em organizar e controlar o que seria veiculado pela mídia televisiva.

Ainda nesse contexto da década de 60 observa-se novas emissoras ganharem destaque, como a Rede Record, a Rede Globo, entre outras. Por sinal a Globo uma instituição privada que aproveitou de forma muito bem o governo militar para aumentar seu poder. Dessa maneira alia-se com o governo de extrema direita para ganhar mais poder econômico e crescer. A Rede Globo emissora que surgiu em 1965 no Rio de Janeiro, em 1966 em São Paulo e em 68 em Belo Horizonte, comandada por Roberto Marinho, foi considerada uma das emissoras mais assistidas durante toda a década de 1970 e boa parte dos anos 1980.

Nesse contexto, a política de desenvolvimento do estado militar é desenvolver a telecomunicações a nível de Brasil. Para isso cria a Embratel (Emoresa Brasileira de Telecomunicações) e o Brasil se associa ao sistema internacional de Satélites – IntelSat. Essa preocupação em desenvolver as telecomunicação no Brasil tinha uma característica impar desenvolver o aparato ideológico do estado militar brasileiro.

A partir daí observa-se um desenvolvimento televisivo do Brasil, seja de emissoras e de programas destinados a públicos variados. Embora que deva-se problematizar que o acesso a televisão não foi tão amplo assim, já que ela e era um produto muito caro.

A INFANCIA E A TELEVISÃO EM CAMPINA GRANDE - A INVENÇÃO DO NOVO LAZER: O ASSISTIR TELEVISÃO

O desejo pelo moderno e pelos ícones modernizantes faz com os homens em cidades e lugares interessem em ter acesso a eles, já que tê-los era usar para construir um discurso de que esse espaço é moderno, tem o sinônimo do progresso. Nesse aspecto a televisão ocupa esse lugar de símbolo da sedução.

Sendo assim, Silvia Tavares (2009, p. 30) destaca como na década de 60 a chegada da televisão era esperada com anseio pelos moradores de Campina Grande. De uma forma que aponta como os jornais de época relatavam a televisão como um símbolo do moderno para a década de 60. Logo, a popularização da televisão ocorrida no contexto de 60 permite que ela chegue a “Rainha da Borborema”.

Na década de 70 foi lançado pela Ditadura Militar um novo código de censura com o intuito de controlar o que seria veiculado aos telespectadores.¹ A emissora que não seguisse o novo código de censura estaria sujeito a suspensões, punições financeiras

e até mesmo a retirada da emissora do ar. (VEJA 07 DE OUTUBRO DE 1970).

FOTO 01 – PROGRAMAÇÃO DA TV BORBOREMA – DIÁRIO DA BORBOREMA - 12. 11.75.



Os jornais de época foram documentos necessários a nossa pesquisa, pois a partir deles é possível entender os

acontecimentos que marcaram em determinado dia a cidade de Campina Grande, como por exemplo, divulgar a programação da TV em certa data. (LUCA, 2005). A partir da programação acima observa-se de que das 14:00 da tarde até as 19:00 Observa-se programas destinados ao público infantil, como por exemplo, os filmes *Romance da*

Tarde; Rin Tin Tin ; Batman.Paladino do Oeste; Os Flintstones (desenho em cores)
Jambo e Ruivão (desenho em cores).

Além desses filmes listados, observa-se também a veiculação de novela para os infantes como por exemplo: *O Velho, o menino e o Burro*. Além de programas de auditório como por exemplo *Graziela em sua casa* e programas esportivos como: *Bola na Rede*.

Um ponto chama atenção, a programação por meio de pequenas palavras procurava se explicitar a que se público, o tipo de programa, como uma forma de melhor ilustrar o que seria veiculado por isso que observa o uso dos termos “filme”, “desenho em cores”, os apresentadores dos programas “Gilson Souto Maior”.

Essa programação acima e a sua análise dá um indício de a TV Borborema já tinha como estratégia de exibição destinar parte dos programas ao público infantil, possivelmente porque a tv seduzia os jovens por meio da possibilidade de unir os efeitos sonoros com os visuais, além do que possivelmente as crianças passavam mais tempo em seus lares. Haja vista que é possível entender o encanto infantil pela TV e como ela modifica as formas de lazer das crianças.

Ao observar a programação é possível notar que as crianças estavam sujeitas a uma variedade de programas, o que possibilita pensar como a televisão atraía a criança para o espaço privado do lar em detrimento do espaço público da rua, já que naquele momento a criança encontrava na televisão um novo lazer. Por outro lado é interessante relatar que nem todas as crianças tinham acesso a esse bem cultural, já que esse produto era ainda muito caro. Portanto, se por um lado alguns jovens tinham a tv em seus lares, por outro, a maioria da população não podia adquirir uma TV, embora que não posse implica na possibilidade de assisti-lo em outros lares.

O indicio² disso do valor da televisão pode ser visto em um trecho do anúncio publicado no Diário da Borborema de 25.10.1975. Observe:

Imagem 02. Diário da Boborema – 25.10.1975³ -Anúncio de uma Loja local da cidade de Campina Grande, esse domicilio vende diversos bem como maquinas de escrever, de costura e nela observamos a televisão custando 94,00 cruzeiros mensais.

A imagem ao lado é um indicio de que a televisão custava muito alto, já que mensalmente se pagaria 94,00 cruzeiros. Mesmo assim, observa-se uma política de estímulo a venda da televisão, já que na pesquisa dos jornais encontramos anúncios de outros aparelhos, por valores mais caros custando 110,00 cruzeiros ao mês. Se na década de 70 esses foram os valores obtidos pela televisão, na década de 60⁴, observa-se que o aparelho televisivo obteve valores mais baixos como 68,00 Cr mensais.

Um possível indícios desses valores é perceber que na década 60 estava sendo influenciado pela chegada da televisão em Campina Grande, logo, havia um exercício de baixar os preços dos aparelhos para vender aos consumidores.

As pesquisas nos jornais de época do Diário da Borborema (1963-1978) apontaram indícios de uma televisão em crescimento, que fazia uso dos jornais para divulgar a sua grande de programação, anunciar novos aparelhos para as cidades.

Mesmo com esse alto custo da televisão, a propaganda acima mostra como o comercio tentava passar uma imagem de “facilidade” ao comprar o aparelho televisivo; isso é uma pista de os indivíduos eram seduzidos em ter acesso à televisão, para isso, poderiam adquirir comprando (aqueles que podiam), ou mesmo passavam a assistir a televisão nos diversos espaços como casas de vizinhos, de familiares entre outros. O desejo e a presença da televisão no cotidiano brasileiro fazia com que outras mídias como as revistas abordassem a televisão, como no caso das revistas, jornais e rádios. Mídias que atuavam divulgando a televisão e seus programas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao fim desse ensaio é possível “concluir” que o surgimento da televisão na década de 30 na Europa e especialmente na década de 50 no Brasil marca o encontro do homem como uma nova forma das comunicações, pois a partir do desenvolvimento do aparelho televisivo as imagens e os sons poderiam ser transmitidos no mesmo instante a

milhares de quilômetros. Isso revoluciona a forma das pessoas compreenderem o seu mundo e do outro, pois a partir dela é possível está em todos os espaços sem sair de casa. (SILVERSTONE, 1999, P. 50)

Diante disso as análises de nossas fontes ajudam a refletir sobre como a televisão estava inserindo no espaço da cidade de Campina Grande, bem como as mudanças das práticas cidadinas, como o lazer e o entretenimento. Embora que esse trabalho é o “norte” para o desenvolvimento de nossa dissertação sobre o lazer televisivo na cidade de Campina Grande.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BURKE, Peter. O que é História cultural? Trad: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro – Jorge ZAHAR Editor, 2005.

CERTEAU, Michel. Introdução Geral. IN: A invenção do Cotidiano. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rj, 1994. pág. p. 37 a 52.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: Mitos, emblemas, sinais. São Paulo: Cia das letras, 1987.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas, História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. Org. São Paulo – Sp, Contexto, 2005.

MORAIS, Fernando. chatô : o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand / Fernando Moraes. São Paulo : Companhia das Letras,1994.

PROST, Antoine. “História Social e cultural indissociavelmente” (pp. 123-137). In: Rioux, Jean-Pierre e Sirinelli, Jean-François (orgs.). Para uma História Cultural. Tradução de Ana Moura, Lisboa : Editorial Presença, 1998.

RICOUER. Paul. Tempo e Narrativa. (Tomo 1) Trad. Marcondes Cesar. Campinas –SP: Papyrus, 1994.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart ; ROXO, Marco. SACRAMENTO, Igor. História da Televisão no Brasil – Do Início aos dias de hoje. São Paulo, Editora Contexto, 2010.

SILVA, Silvia Tavares. Por uma História televisiva em Campina Grande, 1961 – 1965. Dissertação de Mestrado em História do Programa de Pós-Graduação em História – UFCG, Campina Grande, 2009.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? Trad.: Milton Camargo Mota. São Paulo – SP. Edições Loyola. 1999.

¹ VEJA. Velhos e Novos problemas da Televisão Brasileira. In: Revista VEJA. TV ela merece isso? Nº 100, valor Cr: 2,50; Rio de Janeiro – Editora Abril, 7 DE OUTUBRO DE 1970.

² Uso que faço do conceito de *indício* está interligado ao “Paradigma Indiciário” do historiador Carlo Ginzburg. Segundo esse autor, a pesquisa histórica aproxima a uma busca pelos rastros, pelas pistas sobre os objetivos de Estudo. Ginzburg afirma que: “Vimos, portanto, delinear-se uma analogia entre os métodos de Morelli, Holmes e Freud. De nexos Morelli – Holmes e Morelli Freud já falamos. Da singular convergência entre os procedimentos de Holmes e os de Freud por sua vez falou S. Marcus. O próprio Freud, alias, manifestou a um paciente (“ o homem dos lobos”) o seu interesse pela as aventuras de Sherlock Holmes. Mas, a um colega (T, Reick) que aproximava o método psicanalítico ao método de Holmes, falou antes com admiração, na primavera de 1913, das técnicas atribuídas a Morelli. Nos três casos, pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)”.(GINZBURG, 1989, p. 150)

³ DIÁRIO DA BORBOREMA. Nº 45. Campina Grande –PB. 30 de Dezembro de 1975.

⁴ DIÁRIO DA BORBOREMA (17. 09. 63)